

Editorial

Provando o néctar

... E como é boa a saudade! Imersa em fotografias da memória, repousa toda uma história vivida entre risos e lágrimas.

Vivemos um tempo que mergulha ávido na faina cotidiana, deixando pequenas frestas de alegria para quem ousa aproveitar a vida além da inexorável finalidade: crescer, produzir e morrer... Cedo ou tarde.

Resta-nos a memória e o presente, pois futuro é possibilidade. Entre versos e castanhas inventamos poesia, acatamos boa prosa, desenhamos imagens vendo o fogo trepidar na lareira, degustando o vinho que combina com o embalo de muitos sonhos.

Sonhos? Ah... o que seria de nós se não os tivéssemos? Automaticamente viveríamos, sem ideias e sem afãs, embrutecidos e literalmente chatos, pobres em devaneios.

Nossa Tríade Cajuína nasceu do sonho de transpor a fronteira da mesmice, arregimentando almas sensíveis para o lírico universo das palavras vividas e sentidas. Palavras que são luz e sombras, como cada um de nós. Palavras que são contêineres, como bem já disse Valquíria; que são catarse, como pontuou Renata; que voam e se difundem feito imagens pictóricas colorindo pensamentos... sonhos pintados a cada dia na tela da vida.

Poetas falam para alguém disposto a escutar o que não se costuma dizer. Usam rimas, métrica, não usam nada... apenas dizem. Cantam em verso e música o que sentem e por fim se definem poetas, marginais de palavras magistrais.

Por isso é tão boa a saudade, fonte inesgotável de inspirada conversa e delicados poemas. Saudade que nos faz escrever, promover saraus, cantar e compor com encantadora arte de viver além das aparências, convidando a transgredir a rotina.

No repertório das coisas vividas, os poetas encontram o perfume da ausência de um momento que passou e a concreta existência do que ainda não se viveu mas se espera que seja vivido.

É a saudade que faz com que nos busquemos outras vezes, tantas quantas forem necessárias para sentirmos o êxtase da criação poética, da linguagem terna e sensível de um mundo mágico e disponível àqueles que se atrevem a sonhar.

Sonhar e viver com sublime ousadia.

Saudade que trouxe agora o terceiro número do nosso saboroso e independente Caju.

Simplesmente poetas... assim somos nós e assim é você, que me seguiu até agora na esperança de sentir o aroma da ambrosia dos versos.

Vamos a eles!

Herança

Eu era pequenina e mal surgia
a noite, no telhado lá de casa,
ao ver meu pai que se deitava eu ia
seguindo a grande sombra de sua asa...

Ele ligava o rádio para ouvir
a música da sua mocidade,
e eu saboreava um gole do elixir
daquela que era, então, sua saudade –

que gosto! – um pouco amargo... um pouco doce.
Foi o leite que minh'alma ainda infante
primeiro bebeu para que, hoje, eu cante

um tempo de sabor tão agridoce,
que saltou da memória de meu pai
para morar em mim, de onde não sai.

Valquíria Gesqui Malagoli

escritora e poetisa

vmalagoli@uol.com.br

<http://www.valquiriamalagoli.com.br>

Repleta

Por todas as noites
que me revesti de sua pele
Por todas as manhãs
que vesti seu desejo
Por todas as madrugadas
de sussurros ofegantes
Por todas as tentativas silentes
Pelos beijos a priori inocentes
Pelos clamores advindos
de outros instantes
Pelos olhares carregados de pejo
Pelos fulgores
e tudo mais que me compele
Pelas façanhas
e algo mais que me interpele
Pelos ranhuras
que construíram meu desejo
Pelos imagens
que não são as de antes
Pelos marcas
que me cravam seus dentes
Eu morro aqui, plena de mim
Tão repleta do que é você
no meu mais doloroso fim!

Renata Iacovino

escritora, poetisa, cantora e compositora

reiacovino@uol.com.br

reiacovino.blog.uol.com.br

<http://reval.nafoto.net/>



Agradecemos, de todo coração, pelos inspirados trabalhos que chegaram de vários cantos do país, e rechearam o varal literário em comemoração ao Dia Mundial de Aleitamento Materno. Poemas, textos e ilustrações dividiram – com belíssimas fotos de mães que amamentam – o espaço da Praça Governador Pedro de Toledo, no centro de nossa querida Jundiaí, no sábado, dia 8 de agosto.